

## Desenvolvimentos de Hábitos Deletérios em Tempos de Covid-19

*Isabele Lima Badaró<sup>1</sup>, Gefer Thiago Batista Correa<sup>2</sup>, Edite Novais Borges Pinchemel<sup>3</sup>*

**Resumo:** O objetivo desse estudo foi analisar o impacto causado pela pandemia do covid-19 em resposta ao desenvolvimento de hábitos deletérios orais, em uma faculdade no interior do sudoeste da Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando um questionário online, com amostra de 145 acadêmicos sendo 92 mulheres e 53 homens, com idades entre 18 e 30 anos. Os dados adquiridos sobre os hábitos mais prevalentes foram onicofagia com 26,2%, bruxismo cêntrico e excêntrico ambos com 17,2%. As associações estatísticas entre os efeitos psicológicos e os hábitos parafuncionais em virtude da situação pandêmica ficaram contatadas.

**Palavras-chave:** Bruxismo. Covid-19. Isolamento Social. Onicofagia. Pandemia.

## Developments of Deleterious Habits in Times of Covid-19

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the impact caused by the covid-19 pandemic in response to the development of harmful oral habits, in a college in the interior of southwest Bahia. It is a qualitative and descriptive research, using an online questionnaire, with a sample of 145 students, 92 women and 53 men, aged between 18 and 30 years. The data acquired on the most prevalent habits were onychophagy with 26.2%, centric and eccentric bruxism, both with 17.2%. Statistical associations between psychological effects and parafunctional habits due to the pandemic situation were contacted.

**Keywords:** Bruxism. Covid-19. Social Isolation. Onicophagy. Pandemic.

## Introdução

O vírus *SARS-CoV-2*, causador da doença *COVID-19* iniciou-se no final do ano de 2019 na cidade de Wuhan na China, com um rápido alastramento para os demais países do mundo.

Em decorrência de sua propagação acelerada e prevendo os impactos na saúde pública

---

<sup>1</sup> Graduação em Odontologia pela Faculdade Independente do Nordeste, FAINOR, Brasil. Contato: isabelebadaro@gmail.com

<sup>2</sup> Possui Graduação em Odontologia pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestrado em Ciências da Saúde com ênfase em patologia bucal pela Universidade Estadual de Montes Claros e doutorado em Medicina Molecular pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Faculdade Independente do Nordeste.

<sup>3</sup> Graduação em Odontologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestrado e especialização em clínica Odontológica pela Faculdade São Leopoldo Mandic. Doutoranda em Clínicas Odontológicas (ênfase em Odontopediatria) pela Faculdade São Leopoldo Mandic. Docente da Faculdade Independente do Nordeste - FAINOR.

e economia mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passa a adotar medidas que venham a mitigar o avanço e sequelas dessa pandemia. Medidas sanitárias como protocolos de higiene das mãos, uso de máscaras e distanciamento social foram imediatamente adotados.

Algumas pesquisas que analisaram o impacto psicológico da quarentena em epidemias prévias, reportam que a maioria dos estudos constatou efeitos psicológicos negativos, e que os principais fatores de estresse identificados foram a duração da quarentena, o medo da infecção, os sentimentos de frustração e de aborrecimento (BARROS et al., 2020). O desenvolvimento da ansiedade, depressão em momento de isolamento social, tende a se agravar pelo receio em quebrar o silêncio e buscar ajuda. O medo de contrair a doença é um fator que tende a gerar o agravamento no quadro. A gravidade da pandemia pode estar nas sequelas emocionais que a mesma pode desencadear. Estas manifestações do psiquê, tornaram-se mais um obstáculo agregado as restrições impostas pelo controle social. As tragédias do passado mostraram que as implicações para a saúde mental do isolamento podem durar mais e ter maior prevalência do que a própria epidemia mostrou também que os impactos psicossociais podem ser incomensuráveis, se considerarmos sua reverberação em diferentes contextos. (ORNELL et al. 2020)

Os hábitos parafuncionais, como bruxismo excêntrico e cêntrico, onicofagia (roer unhas), morder lábios, língua e bochechas, roer objetos e entre outros, estão associados aos fatores psicossomáticos desenvolvidos pela quarentena e o estresse. Estes hábitos podem causar danos irreversíveis à cavidade oral. (ORNELL et al, 2020). Os estudos demonstraram que tais costumes podem alterar de sobremaneira o fluxo sanguíneo normal dos tecidos musculares, ocasionando acúmulo de produtos metabólicos nas células destes tecidos, desencadeando sintomas de fadiga, dor e espasmo (BORTOLETTO; MOREIRA; MADUREIRA. 2013).

Em virtude das problemáticas mencionadas, se faz necessário a identificação do desenvolvimento dos hábitos deletérios relacionados como sequela *docovid-19*, com intuito de analisar e avaliar a prevalência desse objeto de estudo. Visando posteriormente a adoção de medidas terapêuticas e profiláticas, no intuito de minimizar o impacto das mesmas na qualidade de vida de uma determinada população considerada de alto risco em desenvolver tais hábitos.

## **Material e Métodos**

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste sob o número CAAE 41329220.4.0000.5578. A pesquisa é de caráter

descritivo de cunho quantitativo acerca do desenvolvimento de hábitos deletérios em estudantes com faixa etária entre 18 e 30 anos de idade.

A amostra é composta de 145 alunos da graduação do curso de odontologia de uma faculdade na região sudoeste da Bahia. Não houve cálculo amostral, o n amostral foi baseado em um artigo anterior sobre qualidade de vida que utilizou o questionário ECOHIS (NOVAES, 2017, p.182) conforme tabela 1 a seguir.

**Tabela 1-** Relação entre hábitos parafuncionais e variáveis.

<b>Variáveis</b>	<b>Não apresentou hábitos parafuncionais</b>	<b>Apresentou algum hábito parafuncional</b>	<b>P</b>
<b>Idade</b>			
18 a 23 Anos	26 (44,8%)	34 (39,1%)	0,197
24 a 27 Anos	20 (34,5%)	42 (48,3%)	
28 a 30 Anos	12 (20,7%)	11 (12,6%)	
<b>Gênero</b>			
Masculino	29 (50%)	24 (27,6%)	0,005*
Feminino	29 (50%)	63 (72,4%)	
<b>Moradia</b>			
Mora com alguém	49 (84,5%)	79 (90,8%)	0,185
Mora so	9 (11,5%)	8 (9,2%)	
<b>Impacto psicológico</b>			
Não teve alterações psicológicas	20 (34,5%)	4 (4,6%)	0,000*
Relatou 1 alteração psicológica	38 (65,5%)	83 (95,4%)	
<b>Autopercepção durante a pandemia</b>			
Estou bem	30 (51,7%)	21 (24,1%)	0,003*
Estou razoavelmente bem	27 (46,6%)	63 (72,4%)	
Estou mal	1 (1,7%)	3 (3,4%)	
<b>Rotina familiar</b>			
Alteração de rotina	37 (6,8%)	69 (79,3%)	0,031*
Sem alteração de rotina	21 (36,2%)	18 (20,7%)	

Variáveis	Não teve Alterações psicológicas	Relatou 1 alteração psicológica	P
<b>Idade</b>			
18 a 23 anos	26 (44,8%)	34 (39,1%)	0,197
24 a 27 anos	20 (34,5%)	42 (48,3%)	
28 a 30 anos	12 (20,7%)	11 (12,6%)	
<b>Gênero</b>			
Masculino	29 (50%)	24 (27,6%)	0,005 *
Feminino	29 (50%)	63 (72,4%)	
<b>Moradia</b>			
Mora com alguém	20 (83,3%)	108 (89,3%)	0,301
Mora so	4 (16,7%)	13 (10,7%)	
<b>Autopercepção durante a pandemia</b>			
Estou bem	21 (87,5%)	30 (24,8%)	0,000*
Estou razoavelmente bem	3 (12,5%)	87 (71,9%)	
Estou mal	0 (0,0%)	4 (3,3%)	
<b>Rotina familiar</b>			
Alteração de rotina	16 (66,7%)	90 (74,4%)	0,293
Sem alteração de rotina	8 (33,3)	31 (25,6%)	

Fonte: dados da Pesquisa.

O processo da coleta de dados se deu através do compartilhamento via *e-mails* sendo anexado o termo consentimento de livre esclarecimento (TCLE), solicitando a autorização da coleta de dados sendo expostos todos os riscos, benefícios e o objetivo da pesquisa. O presente estudo acata os princípios éticos e morais do Conselho Nacional de saúde (CNS) presentes na Portaria 466/12.

A tabulação dos dados foi feita em uma planilha *Excel*® e transferidos para o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25.0. A análise bivariada dos resultados foi realizado o reagrupamento das variáveis e para a associação de interesse, utilizou o teste de Qui-Quadrado com a correção exata de Fisher, quando aplicadas.

## Resultados

A amostra foi constituída por n=145 pessoas, sendo 53 do sexo masculino (36,6%) e 92 do sexo feminino (63,4%) com idades entre 18 e 30 anos, de modo que a frequência maior foi de 24 a 27 anos composto por 62 pessoas (42,8%), seguida de 18 a 23 anos (41,4%). Quando perguntado aos discentes o local onde residia a prevalência foi em âmbito urbano com 99,3% visto que 77,9% mora com sua família e manteve o comportamento social também com a família 74,5% (Tabela 2).

**Tabela 2-** Distribuição e frequência das características gerais da amostra dos discentes.

<b>Idade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
18 a 23 anos	60	41.4
24 a 27 anos	62	42.8
28 a 30 anos	23	15.9
<b>Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Masculino	53	36.6
Feminino	92	63.4
<b>Moradia</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Mora com família	113	77.9
Mora com colegas	15	10.3
Sozinho	17	11.7
<b>Residência</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Urbana	144	99.3
Rural	1	0.7
<b>Comportamento social durante os primeiros meses da pandemia:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Isolamento social com a família	108	74.5
Isolamento social só	11	7.6
Uso de redes sociais excessiva	18	12.4
Manteve a rotina social normal	8	5.5

Fonte: dados da Pesquisa.

O maior percentual de participantes teve sua rotina de trabalho alterada para home office nos primeiros meses da pandemia 55,2%, entretanto 26,9% relatou não ter tido alterações de rotina. Segundo os dados adquiridos 62,1% alegou estar razoavelmente bem e 2,8% disse estar mal. As questões direcionadas ao comportamento psicológico e a manifestação de hábitos

parafuncionais tiveram uma alteração de valores devido ter a opção de assinalar mais de uma alternativa, sendo assim, a amostra resulta em mais de 145 participantes e a porcentagem mais de 100%. Ficou constatado que Insegurança 42,8% e Ansiedade 58,6% foram os efeitos psíquicos mais prevalentes durante esse período. As alterações orais não foram notadas por cerca 40% dos participantes sendo que, (26,2%) mencionou ter apresentado onicofagia, apertamento cêntrico e excêntrico obtiveram as mesmas porcentagens com 17,2% cada, já sucção de lábio ou língua foi a parafunção com menor prevalência 14,4% (Tabela 3).

**Tabela 3-** Distribuição e frequência das respostas dos discentes quanto à rotina, autopercepção, comportamento psicológico e hábitos parafuncionais.

<b>Rotina de trabalho da família durante a pandemia:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Trabalho em home office	80	55.2
Suspensão de contrato	3	2.1
Auxilio emergencial do governo	23	15.9
Sem alteração da rotina	39	26.9
<b>Autopercepção durante a pandemia:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Estou bem	51	35.2
Estou razoavelmente bem	90	62.1
Estou mal	4	2.8
<b>Comportamento psicológico durante a pandemia:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Tranquilo	24	16.6
Inseguro	62	42.8
Ansioso	85	58.6
Depressivo	7	4.8
Insônia	15	10.3
<b>Manifestação de hábitos parafuncionais observados durante a pandemia:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Onicofagia	38	26.2
Apertamento em cêntrico	25	17.2
Apertamento em Lateralidade/ Bruxismo	25	17.2
Sucção de lábio ou língua	21	14.4
Não manifestou nenhuma alteração	58	40.0

Fonte: dados da Pesquisa.

## Discussão

Todos os problemas psicológicos envolvidos em situações de emergência e ameaçadoras como as enfrentadas com a pandemia de COVID-19 são capazes de desencadear eventos que culminam com níveis mais elevados de atividade simpática e posterior liberação de esteroides adrenocorticais que levam à vasoconstrição muscular e aumento da resistência vascular periférica (LEITE, BARBOSA, CONTI. 2020).

O resultado da pesquisa demonstrou que durante a pandemia do covid-19, em que os casos no Brasil ultrapassam a marca de 14.000.455 e os óbitos 376.347, os efeitos psicológicos como ansiedade 58,6% e insegurança 42,8% foram mais prevalentes assim como, no estudo de (BARROS, et al. 2020) que demonstrou esses sentimentos negativos com percentual de 52,6%. A autopercepção dos entrevistados corrobora com esses percentuais pois somente 35,2% relatou estar bem durante esse período.

O presente estudo, constatou que o sexo feminino apresentou maior frequência de hábitos parafuncionais orais e alterações psicológicas durante a quarentena quando comparados ao sexo masculino corroborando com a coletada de dados apresentada por (BARROS, et al. 2020) que revelam maior impacto psicológico como ansiedade, depressão e nervosismo nas mulheres, em relação aos homens.

Entre os discentes que apresentaram hábitos parafuncionais e alterações psíquicas o fator idade não apresentou diferença estatística significativa, divergindo com a análise de (BARROS, et al. 2020), que os participantes com idades mais avançadas apresentaram sintomas negativos a saúde mental no decorrer da pandemia e a análise subjetiva de (QUADRI, et al. 2015) no qual, as idades entre 21 e 25 anos foram vistas como mais afetadas pelas alterações orais.

Os hábitos deletérios orais foram notados em 60% dos entrevistados sendo onicofagia o mais prevalente com 26,2%, seguido de Bruxismo cêntrico e excêntrico ambos com 17,2%. Segundo a pesquisa de (Gonçalves; Toledo; Otero. 2010) 53% da amostra apresentou hábitos orais e a onicofagia foi o mais predominante com 35% entre os entrevistados.

A autopercepção dos entrevistados e as parafunções durante o período pandêmico tem se acentuado mais quando relacionados a alguma alteração psíquica de acordo a associação de interesses da atual análise. No estudo transversal de (BORTOLETTO; MOREIRA; MADUREIRA. 2013) as pessoas que relataram realizar algum hábito parafuncional está passando por um período de estresse emocional, ansiedade, angústias ou preocupações cotidianas. Alguns autores como (Leite, Barbosa, Conti. 2020) relatam em sua revisão que o surto de COVID-19 pode levar a grandes impactos nas ciências orais aplicadas nos próximos anos sendo correlacionadas a fatores psicológicos, com sua perpetuação no desenvolvimento de bruxismo e problemas como DTM.

Nas limitações do estudo, pode-se afirmar que a amostra de forma mais restrita a uma determinada população teve um impacto na parcialidade de algumas respostas, sugere-se mais estudos com amostras aleatórias e com uma população mais heterogênea.

## Conclusão

Esse estudo sugere que os efeitos e sequelas da *covid-19*, abrangem diversas alterações de comportamento, incluindo os hábitos deletérios orais. Novos estudos, transversais e longitudinais observacionais, com amostras mais diversificadas serão necessários para diminuição do risco de viés e estabelecer uma maior associação de causa e efeito.

## Referências

BARROS, Marilisa et al. “Relato de tristeza / depressão, nervosismo / ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante uma pandemia de COVID-19”. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. vol. 29, n 4, p. e2020427, 2020.

BORTOLLETO, P.P.B.; MOREIRA, A.P.S.M; MADUREIRA, P.R. Análise dos hábitos parafuncionais e associação com Disfunção das Articulações Temporomandibulares. *Rev. Assoc. Paul. Cir. Dent.* Vol.67, n.3, p. 216-17, 2013

GONÇALVES, Livia. et al. “Relação entre bruxismo, fatores oclusais e hábitos bucais”. *Dental Press Journal of Orthodontics*, vol. 15, n 2, p. 97–104. 2010

LEITE, C.M.A; BARBOSA, J.S; CONTI, P. *Como os impactos psicossociais e econômicos da pandemia de COVID-19 podem interferir no bruxismo e disfunção temporomandibular?* Faculdade de Odontologia de Bauru, Departamento de Prótese e Periodontia, Bauru, SP, 2020.

NOVAES, Tatiane. et al. Responsiveness of the Early Childhood Oral Health Impact Scale (ECOHIS) is related to dental treatment complexity. *Health and quality of life out comes*, v. 15, n. 1, p. 182-94, 2017.

ORNELL, Felipe. Et al. “*Medo pandêmico*” e COVID-19: carga e estratégias de saúde mental. Uniftec, Porto Alegre, RS, 2020

QUADRI, Mir. Et al. *Association of A wake Bruxism with Khat, Coffee, Tobacco, and Stress among Jazan. University Students. International journal of dentistry*, 842096. 2015

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Who Coronavirus Disease (Covid-2019) Situation Reports.-Who* .

## Como citar este Artigo (ABNT):

BADARÓ, Isabele Lima; CORREA, Gefer Thiago Batista; PINCHEMEL, Edite Novais Borges. Desenvolvimentos de Hábitos Deletérios em Tempos de Covid-19. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, p. 36-43. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 27/05/2021; Aceito: 08/06/2021.